



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOSÉ GONÇALVES JUNIOR

**A construção de um ícone religioso: Uma História de Monsenhor José
Borges de Carvalho**

CAMPINA GRANDE

2018

JOSÉ GONÇALVES JUNIOR

**A construção de um ícone religioso: Uma História de Monsenhor José
Borges de Carvalho**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura Plena em História apresentado a
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau
graduado.

Área de concentração: História

Orientador: Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos

CAMPINA GRANDE

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G635c Gonçalves Junior, José.
A construção de um ícone religioso [manuscrito] : uma história de Monsenhor José Borges de Carvalho / Jose Goncalves Junior. - 2018.
40 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. História cultural. 2. Líder religioso. 3. Comunidade católica. 4. Memória cultural. 5. Mito religioso.

21. ed. CDD 907.2

JOSÉ GONÇALVES JUNIOR

**A construção de um ícone religioso: Uma História de Monsenhor
José Borges de Carvalho**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em História.

Aprovada em: 21 / 06 / 2018



PROF. Me. LUIZ CARLOS DOS SANTOS (orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



PROF. Me. JORDAN QUEIROZ GOMES (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB)



PROF^a. Ma. LAURICEIA GALVÃO DOS SANTOS (Examinadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiramente ao apoio dado por minha família, Maria Madalena da Silva (Mãe), José Gonçalves Sobrinho (Pai), Veneranda Gonçalves Neta (Irmã) e a Evaldo Matias da Costa (Cunhado) que mesmo nas adversidades encontradas durante o período da graduação, não permitiram a minha desistência do curso, sempre me dando suporte nas horas que mais necessitava.
- Agradeço ao apoio recebido de uma pessoa que retornou para minha vida, a minha namorada Iluliane Maria Gadelha Correia que por maiores que fossem os entraves encontrados durante a construção deste trabalho me incentivando a não desistir, mas sim persistir.
- Agradeço também ao apoio e conselhos cedidos pelo meu Orientador Luiz Carlos dos Santos, que nesta empreitada foi de suma importância para a construção deste trabalho, conduzindo-me nos momentos em que mais necessitava.
- Agradeço a Ana Lucia Alves de Aquino a eterna “professora Lucinha” de Alagoa nova que com um sorriso no rosto me recebeu em sua casa, relatando tudo o que conhecia sobre o Monsenhor José Borges de Carvalho.
- Agradeço a Maria do socorro de Souza “dona Corrinha” contribuindo com relatos sobre o clérigo no tempo em que conviveu com ele e a Flávio Rodrigues que por diversas vezes me auxiliou na busca por documentos na, secretaria da paróquia.
- Agradeço a Kaline Ferreira (Japa) e a Jadson Vieira (grande Jader) amigos que consegui ao longo do tempo, pelos puxões de orelhas e sermões oferecidos por estes, para conclusão desta monografia.
- Agradeço ao grupo dos “canalhas” Flauber Soares, Wagner Alisson, Thiago Melo, Leandro Guimarães e a Alisson Wagner amigos que construir no período da graduação.
- Agradeço aos professores da banca examinadora Lauriceia Galdino dos Santos e a Iordan Queiroz Gomes pelo tempo disponibilizado para as correções e contribuições;
- Agradeço as pessoas que participaram de forma indireta cedendo relatos e o seu tempo falando sobre o Pároco
- E por fim, agradeço a minha pessoa, pela persistência na conclusão deste trabalho e do próprio curso.

RESUMO

O fruto da memória esquecida faz buscar em fontes documentais não só a resposta do que foi perdido, mas relembrar fatos importantes do passado. O advento da Nova História Cultural acresce novos métodos científicos a História, fragmentando a percepção do real desta enquanto ciência, suas concepções de verdades já não seguem os mesmos parâmetros unificadores. Neste mundo em que o conceito de verdade é fragmentado, não havendo como provar a realidade de fatos encontrados no passado através somente de documentos escritos, o uso da fonte oral se faz necessário para construção da imagem e resgate da História esquecida de um pároco que residia no município de Alagoa Nova (PB). Desse modo essa pesquisa tem por objetivo resgatar a memória do Monsenhor José Borges de Carvalho no município de Alagoa Nova – PB, por meio de uma pesquisa exploratória e qualitativa, utilizando como subsídio metodológico a fonte oral e pesquisa documental no período espaço- temporal entre os anos de 1937 a 1980. Monsenhor José Borges de Carvalho era um clérigo tradicional doutrinário formado aos moldes da Igreja Apostólica Românica de sua época. Sua imagem foi concretizada na memória das pessoas que conviveram com ele, como uma figura áspera porém virtuosa no modo de agir enquanto líder religioso da comunidade. Dedicou-se com o apoio de seus fiéis na busca de melhorias na saúde e educação, trabalhou ativamente na reformar da casa paroquial e na edificação de uma nova Igreja Matriz. Na atualidade percebe-se que a memória do clérigo ao decorrer do tempo fica restrita apenas a fragmentos dos laços da comunidade católica desta região, sendo negligenciado o fato de que sua figura deveria ultrapassar estas fronteiras para que assim sua imagem fosse perpetuada no decorrer do tempo e se cristalizasse como um mito.

PALAVRAS-CHAVE: líder religioso, mito, esquecimento.

ABSTRACT

The fruit of forgotten memory makes search in documentary sources not only the answer of what was lost, but to remember important facts of the past. The advent of New Cultural History adds new scientific methods to history, fragmenting the perception of the real of this as a science; its conceptions of truth no longer follow the same unifying parameters. In this world in which the concept of truth is fragmented, there being no way to prove the reality of facts found in the past through only written documents, the use of the oral source becomes necessary for the construction of the image and rescue of the forgotten History of a parish priest residing in the city of Alagoa Nova (PB). In this way, this research aims to rescue the memory of Mons. José Borges de Carvalho in the city of Alagoa Nova - PB, through an exploratory and qualitative research, using as a methodological subsidy the oral source and documentary research in the space - time between the years from 1937 to 1980. Monsignor José Borges de Carvalho was a traditional doctrinal clergyman trained under the Romanesque Apostolic Church of his time. His image was embodied in the memory of the people who lived with him as a rough but virtuous figure in acting as a religious leader of the community. He dedicated himself with the support of his faithful in the search for improvements in health and education, worked actively in the reform of the parish house and in the construction of a new Mother Church. Nowadays, it can be seen that the memory of the cleric in the course of time is restricted only to fragments of the ties of the Catholic community of this region, being neglected the fact that his figure should exceed these borders so that his image would be perpetuated in the course of time and crystallized as a myth.

KEYWORDS: religious leader, myth, oblivion.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I:	
A GRANDEZA DE UMA PEQUENA CIDADE E O SURGIMENTO DE UM MITO LOCAL.	15
2 ALAGOA NOVA: A GRANDEZA DE UMA PEQUENA CIDADE.....	16
2.1 O SURGIMENTO DE UM MITO LOCAL.....	18
CAPITULO II	
DO TEMOR A IDOLATRIA: O SANTO DE BATINA	28
3 AQUELE QUE CONDUZ A CRUZ DEVE TER UM ALTO FERVOR RELIGIOSO	29
3.2 ENFIM O DESCANSO: A MORTE DE MONSENHOR JOSE BORGES DE CARVALHO.....	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Migalhas me atraem, os Fios e os Rastros assim como a Carlos Ginzburg (2007) saciam atenção de olhos atentos em ressuscitar a reminiscência do passado. O fruto da memória esquecida faz buscar em fontes documentais não só a resposta do que foi perdido, mas da voz e relembrar fatos importantes do passado. Passado este, em que o alcance do tempo avança, no qual faz necessário a ajuda do historiador, para trazer a luz os personagens obscurecidos pela sombra do tempo, que não tem piedade para com aqueles que caem na penumbra do esquecimento. Permitindo assim, a aqueles que um dia foram considerados grandes ícones da História local ou mundial, tornarem-se uma mera lembrança a olvidar-se, porém um pequeno fio de memória pode reconstruir e resgata-los para o presente.

E usando estratégias difundidas nas ideias de Marc Bloch (2001) na qual pode-se retirar das fontes fragmentos da verdade, por mais falso que se apresente nas narrativas documentais ou orais, a mentalidade do relator mostrará os resquícios do real. Logo, Ginzburg (2007) a procura de buscar os fios e os rastros da História, dá voz a uma narrativa que busca a reconstrução do passado, e nesta busca, criou o paradigma indiciário¹. Como um detetive busca suas provas através dos documentos. Provando assim, que mesmo cativo no presente, o historiador pode desmiuçar-se através das fontes deixadas pelo seu objeto de pesquisa e reconstruir seu passado através dos pequenos indícios esquecidos pelo tempo.

Ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado é a regra de ação do historiador detetive, que deve exercitar o seu olhar para traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos. De detetive o historiador se transforma em médico, em busca de sintomas, dos fenômenos que emitem sinais e dão a ver a sentidos. (PESAVENTO, 2012 p.64)

¹ Ginzburg em seu livro: “Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história” traz uma demonstração do quanto o mesmo é fascinado pela investigação aos moldes de Morelli e de Conan Doyle; uma investigação quase criminal, detetivesca, que desvenda o mistério baseado em indícios imperceptíveis para a maioria das pessoas. Freud também não escondia sua admiração por Morelli e comparava seu método à técnica da psicanálise médica. Sintomas para Freud, indícios para Holmes e signos pictóricos para Morelli, os vestígios eram importantes para os três profissionais dedicados a sintomatologia médica, disciplina que, para o historiador em tela, permite diagnosticar enfermidades inacessíveis à observação direta, com base em sintomas superficiais, muitas vezes irrelevantes aos olhos. Vejamos rapidamente em que consistia esse método: Os museus, disse Morelli: “estão cheios de quadros atribuídos de maneira incorreta. Mas devolver cada quadro ao seu verdadeiro autor é difícil, muitíssimas vezes encontramos-nos frente a obras não-assinadas, talvez repintadas ou num mau estado de conservação. Nessas condições, é indispensável poder distinguir os originais das cópias. Para tanto, é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, assim mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés.” (GINZBURG, 2007).

Logo é dever do historiador, observar, confrontar analisar e questionar com detalhes, os resquícios, encontrados do passado, para não cometer o erro em sua escrita de construir para o presente uma História mal elaborada, falha e cheia de imprecisões, dando sentido a sua narrativa do real. Segundo Koselleck (2006, p.132) as fontes não darão respostas concretas, nem dirão o que deveremos escrever, mas auxiliam a construção da narrativa historiográfica verossímil.

Esta forma de narrativa deve ser tratada como uma fonte, que apresenta ao leitor uma forma de recuperar recursos prestes a cair no esquecimento, não lhes negando o status de veracidade, porem ao mesmo tempo, cria uma forma de interligar o passado com o presente. Esta nova forma de se fazer história teve um grande crescimento com o advento da História Cultural mudando as concepções dos novos historiadores e acrescentando uma fonte ilimitada de documentos.

A História Cultural apresenta riscos e põe exigências: é preciso teoria, sem dúvida, ela exige o uso desses óculos, conceituais e epistemológicos para enxergar o mundo. A História Cultural pressupõe um método, trabalhoso e metucioso, para fazer revelar os significados perdidos do passado. Pressupõe ainda uma carga de leitura ou bagagem acumulada, para potencializar a interpretação por meio da construção do maior número possível de relações entre os dados (PESAVENTO, 2012 p, 119).

Ainda de acordo com a mesma autora por mais simplista que pareça a Nova Historia Cultural nos é apresentado um método, mais complexo, fazendo com que o Historiador desta corrente, siga uma metodologia tirana, enfatizando a importância de um aporte teórico extenso, onde o historiador possa fazer inúmeras ligações com o seu objeto de estudo, possibilitando revelar traços perdidos ao longo do tempo, facilitando assim na produção de seu trabalho científico.

No percalço de resgatar uma história que aos poucos foi sendo esquecida, nada mais lógico recorrer ao auxílio dessa nova metodologia, que viabiliza desse modo uma vasta visão sobre o leque temático e a abordagem das fontes, transformando até uma receita culinária em um documento plausível e aceitável para os parâmetros de um trabalho científico, desde que, o Historiador tenha a consciência e objetividade de manusear tal documento para auxiliar no seu objetivo de pesquisa.

Porém, por mais bela e inovadora que seja essa nova corrente, o pesquisador deve ter em mente, os parâmetros científicos da História enquanto disciplina seus métodos e práticas, cabendo ao mesmo tratar as fontes com destreza e maestria, para que esta enquanto uma Ciência seja capaz de proporcionar a compreensão do fato histórico que permitirá o conhecimento do acontecido, podendo assim ser feita sob diferentes ângulos e perspectivas, de acordo com a cultura do momento no qual esse conhecimento está sendo elaborado, cultura esta que

circunscreve o fazer do investigador, que é afetado também, pelas suas crenças e seus interesses individuais, mas ao mesmo tempo faz com que a disciplina não perca o lado artístico existente na narrativa.

A história é uma arte, a historia é uma literatura[...] a história é uma ciência, mas uma ciência que tem como uma de suas características o que pode significar sua fraqueza, mas também sua virtude, ser poética, pois não pode ser reduzida a abstrações, a leis, a estruturas. (LE GOFF, 2001, p.19)

Dessa forma a História não seria refém de um método robótico que se baseia apenas nos documentos escritos, os tratando-os como a verdade absoluta e de inquestionável interpretação. O advento da tão aclamada Nova História Cultural nos apresenta uma nova visão de como estudar os movimentos culturais das sociedades, acrescentando assim novos métodos científicos a História, fragmentando a percepção do real desta enquanto ciência, ajudando na quebra dos paradigmas e das narrativas globais que dominavam esta ciência, eclode então uma nova era, mais fragmentada, em que, suas concepções de verdades já não seguem os mesmos parâmetros unificadores.

E é neste mundo em que o conceito de verdade é fragmentado, não havendo como provar a realidade de fatos encontrados no passado através somente de documentos escritos que o uso da fonte oral ²baseado nas referências metodológicas apontadas por Alberti (2005) no ‘Manual de História Oral’, onde a autora lança diretrizes e orientações para a produção de fontes mediante a aplicação dessa metodologia, sendo esta necessária para construção da imagem e representação da História esquecida de um pároco que residia no município de Alagoa nova (PB), este que por sua vez, deixou sua história marcada no município por ser um forte e rígido líder religioso, influenciando também o cenário político da cidade, seu nome era José Borges de Carvalho, aquele que fez uso da sua batina, para muito além de rezar uma missa, mas através dela controlar toda uma região com um forte fervor religioso imbuído de uma extrema sapiência para a política³.

² A história oral pode ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos etc. Dependendo da orientação do trabalho, pode ser definida como método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2005, P. 17-18).

³ Devemos lembrar que José Borges de Carvalho não foi vereador e nem prefeito da cidade, mas a sua influência se dava pela sua atuação em vários setores da sociedade.

Trabalhando assim para não só revisitar a memória do padre, mas também um pouco da própria historiografia alagoa-novense que se encontra aos frangalhos. A busca em pesquisar a memória do Monsenhor José Borges de Carvalho, parte de uma dúvida sobre esse personagem, que deixou no imaginário dos moradores da pequena cidade um em concomitância os sentimentos de medo e adoração, sendo este no cenário alagoa-novense de suma importância para construção da História local.

Apesar disso, à medida pela qual o tempo prosseguiu sua imagem foi margeando o esquecimento, restando pequenos fragmentos de fontes memorialísticas de pessoas que conviveram com o padre, já que o município nunca demonstrou preocupação em resguardar documentos ligados a indivíduos importantes para a construção histórica do local, existindo atualmente poucos documentos que falem sobre o padre, o que reforça a importância do relato memorialístico para construção da figura imagética do monsenhor ‘Zé Borges’.

É válido ressaltar que trabalhar com a fonte memorialística não é fácil, pois estamos tratando diretamente com os interesses do relator, logo, a fonte oral deve sempre ser questionada, não a tratando como algo puro e verdadeiro, já que a verdade só existe no individual de cada um. Dessa forma é dever do historiador enquanto pesquisador confrontar inúmeras fontes para filtrar as semelhanças entre os discursos narrados, para assim conseguir chegar a uma verossimilhança de um fato acontecido. Pierre Nora (1993) em seu trabalho: “Entre a memória e a história a problemática dos lugares”, afirma que tudo que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história e tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história.

Nesta afirmativa o autor evidencia a diferença entre a história e a memória e apresenta de uma forma poética o que distancia as duas, elevando ao mesmo tempo o status da história, já que está faz o uso da narrativa memorialística para solidificar fatos ocorridos no passado, para tal a história usa em sua narrativa métodos e parâmetros para construção de sua escrita. Entretanto a memória não é algo sólido e engendrado como a história, ela é fluida e sofre mutações a medida que é repassada de uma pessoa para outra, porém é imbuída de uma resiliência e por mais alterações que receba de um indivíduo a sua informação principal será a mesma. Sendo de incumbência do historiador o importante papel de analisar os fatos narrados e selecionar o que é cabível para construção do seu trabalho.

Assim a memória tem um sentido individualista e pessoal, pois trata-se da lembrança de uma pessoa narrando de acordo com sua realidade como ocorreu um fato passado, sendo dessa forma uma fonte de individualismo que dará sentido a coletividade.

Portanto os resquícios da tradição oral, seja ela individual ou coletiva sempre serão motivo para as indagações dos historiadores, que imersos na tentativa de resgatar vislumbres do passado tecem uma teia rebuscada de persistência pessoal. Halbwachs (2006) em seu livro 'A Memória Coletiva' afirma que recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós.

O relato memorialístico são rastros deixados que se conectam a outras fontes, pois somente ele não é capaz de apresentar o misticismo e o simbolismo deixados pelo Monsenhor José Borges de Carvalho, sua História deve ir além do que é recordado com saudosismo e afeto dos cidadãos alagoa-novenses que habitaram em seu período de tempo. Sendo dessa forma de extrema importância buscar nos indícios documentais deixados por este, como uma forma de construir sua imagem enquanto líder religioso, compreendo o quanto influenciou na esfera política da cidade, enxergando-o desde o menino que corria pelo engenho do pai até o ponto em que se torna Padre. E através do relato memorialístico e documental fazer o pároco dizer quem era.

A pesquisa está inserida também na perspectiva da História Local, uma temática muito importante na atualidade e que tem a cada ano se firmado como um importante campo de pesquisa para o historiador. Esta corrente historiográfica é uma complementaridade, um conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, o conhecimento sobre um conjunto dessas experiências.

A título de exemplificação, o local pode ser associado a uma aldeia, a uma cidade, a um bairro, a uma instituição – escolas, universidades, hospitais -, e, como escolha por vezes recorrente, a um espaço político-administrativo, como distritos, freguesias, paróquias, municipalidades. A despeito das variações, como destaca Alain Bourdin (2001), o local é um lugar de sociabilidades marcado pela proximidade e pela contiguidade das relações entre os sujeitos que as estabelecem e talvez, por isso, seu uso, entre sociólogos, em muito tenha sido articulado ao conceito de comunidade (MONTEIRO, p.177, 2007).

É no âmbito da história local que se encontra o meu objeto de pesquisa, criando além de um vínculo pessoal com o trabalho escrito, um vínculo também com o lugar social, assumindo uma questão de pertencimento a comunidade onde o clérigo Monsenhor José Borges de Carvalho habitou, visto que o presente trabalho tem sua principais indagações elaboradas da cabeça juvenil de uma criança, que ao ver uma estatua do Pároco edificada na soleira da Igreja santa Ana, fomentava algumas indagações sobre a sua imagem tais como qual o motivo de

construírem uma estatua para o Padre Borges, qual sua importância para cidade e quem era, conseguindo assim ficar gravado no imaginário de uma criança como o “velho”.

Desse modo essa pesquisa tem como objetivo geral ressaltar a memória do Monsenhor José Borges de Carvalho no município de Alagoa Nova - PB e como objetivos específicos compreender a construção da imagem do monsenhor José Borges de Carvalho no município, analisar os motivos pelos quais o próprio pode ser considerado um mito local, demonstrar a idolatria do povo alagoa-novense a sua figura, validar o enfraquecimento de sua memória na atualidade.

Cientes da importância da história para o registro das memórias tal pesquisa de aporte teórico, consiste em uma pesquisa exploratória e qualitativa, utilizando como subsídio metodológicas a fonte oral e a pesquisa documental viabilizada pelo uso de documentos e materiais previamente elaborados como livros e artigos científicos. O presente estudo foi realizado por meio das seguintes etapas: identificação do tema e da questão norteadora; seleção dos estudos e fontes para base de dados; análise e discussão dos resultados. A delimitação do período temporal foi definida entre os anos de 1937 a 1980.

Resultando assim na construção de dois capítulos complementares, divididos em dois sub- tópicos, onde no capítulo intitulado ‘A grandeza de uma pequena cidade e o surgimento de um mito local’ apresenta um pequeno panorama sobre o território de Alagoa Nova-PB na atualidade e sua construção histórica enquanto município, abordando o porquê de o Padre Borges ser considerado um mito e quais processos o levaram a este patamar. No capítulo dois, intitulado ‘ Do temor a idolatria: o santo de batina’ abarca inicialmente a história do clérigo e sua imagem religiosa retratando como foi sua morte e o processo que levou ao esfacelamento de sua memória na atualidade.

CAPÍTULO I:

A GRANDEZA DE UMA PEQUENA CIDADE E O SURGIMENTO DE UM MITO LOCAL.

2 ALAGOA NOVA: A GRANDEZA DE UMA PEQUENA CIDADE

O município de Alagoa Nova-PB (Figura: 01) está inserido no Território da Borborema, na Mesorregião do Agreste Paraibano, ocupando cerca de 23,1% do Estado. Inserido também na Microrregião do Brejo Paraibano, localizado na borda úmida Oriental do Planalto da Borborema. Possui distribuído em seu território 19.681,00 habitantes de acordo com o último Censo do IBGE, com uma Densidade demográfica 160,98 hab. km². De acordo com a nova classificação do IBGE o município está inserido na região imediata e intermediária⁴ de Campina Grande (BRASIL, 2010; CORREIA & SOUZA,2017).

Possui relevo suave ondulado e a fertilidade dos solos é bastante variada, com certa predominância de média para alta. A vegetação é dos biomas Caatinga e Mata Atlântica. A área é recortada por rios perenes, porém de pequena vazão e o potencial de água subterrânea é baixo, devido ao material geológico formado por rochas metamórficas e magmáticas. O clima de acordo com classificação de Köppen é do tipo As' - tropical chuvoso, com estação chuvosa iniciando-se em janeiro e com término em agosto, podendo se alongar até setembro. (SANTOS & ARAÚJO, 2013; EMBRAPA,2013; CORREIA & SOUZA,2017).

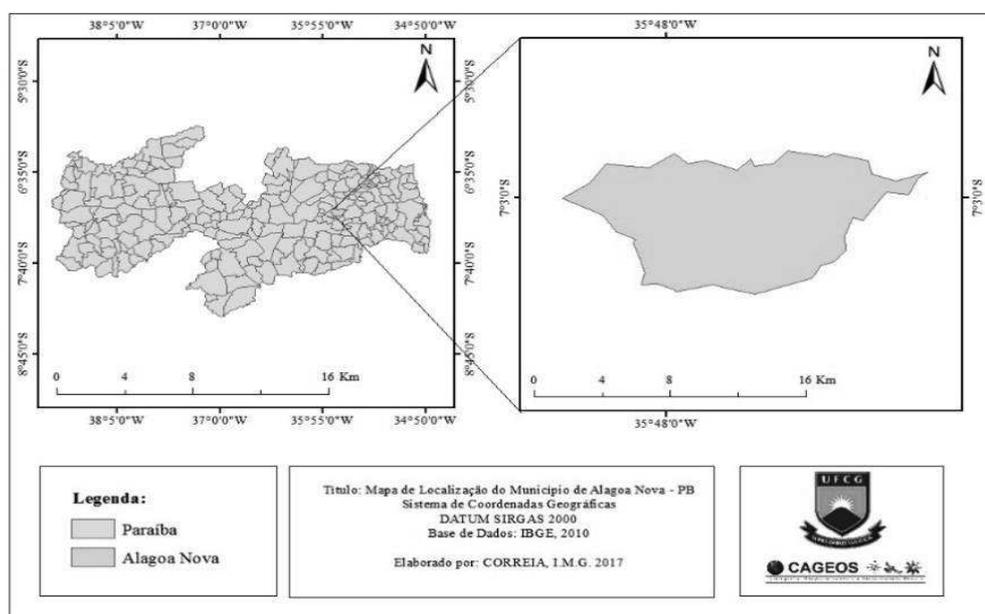


Figura 1: Localização do município de Alagoa Nova no Estado da Paraíba. Autor: CORREIA, I.M.G., 2017

⁴ Essas regiões são definidas através de estudos da configuração da rede urbana local. As Regiões Geográficas Imediatas correspondem às áreas que procuram centros urbanos próximos para satisfação de necessidades imediatas como emprego, saúde, educação, compras de bens de consumo e prestação de serviços públicos. Já as Regiões Geográficas Intermediárias organizam as Imediatas no território a partir de uma região que oferece serviços mais complexos como serviços médicos especializados ou grandes universidades (BRASIL, 2018).

Voltando as raízes do passado é válido ressaltar que um importante fator para a construção histórica do município, consiste na presença dos Aborígenes da nação Bultrins em suas terras, e também dos sesmeiros que cá habitavam, como por exemplo, as famílias fundadoras da cidade: os Abreu Tranca, Aquino Mendonça, Almeida Mendonça e a Correia Barros, onde em uma concessão de terras oferecida ao Alferes José de Abreu Tranca que residia na comarca de Pombal, pelo Governador Francisco Xavier de Miranda em fevereiro de 1763 surge um pequeno vilarejo localizado próximo ao Engenho Olho D' água da Prata no qual se formaria Alagoa Nova.

Não muito distante do pião da sesmaria do Olho d'Água da Prata, no divisor de águas e próximo de uma depressão que se transformava em lagôa nas fases chuvosas, se formou aglomerado de casas. O lugarejo tomou o nome de Alagôa Nova e já, existia, em 1778 (SALES, 1990, p.380)

O vilarejo foi construído em cenário bucólico na região do brejo paraibano as casas eram de taipa e margeavam a lagoa, as ruas eram mal elaboradas e foram sendo edificadas a medida que a população crescia e buscava empregos nos engenhos e no comercio, ganhavam a vida por meio destes dois polos: os engenhos e a própria lagoa que servia de entreposto comercial pois servia de parada para os comerciantes e trabalhadores do engenho, mantendo um fluxo comercial intenso para os parâmetros de um pequeno vilarejo.

A sua autonomia enquanto município é adquirida em novembro de 1904 quando desmembrou-se definitivamente da comarca de Campina Grande, Alagoa Nova neste período contava com uma vasta dimensão territorial, que foi capaz de formar três cidades Esperança, Lagoa de Roça e Matinhas. Antes mesmo de ser elevada ao status de município já mostrava certa autonomia econômica, forte produtora de cana-de açúcar e de seus derivados, com solo fértil vários produtos foram sendo cultivados, como por exemplo, a mandioca para construção da farinha, o feijão, a fava, o milho, café, algodão, sisal dentre outros que colocariam um mero povoado no status de cidade e a intitulado como o celeiro do brejo paraibano, tal status se perpetua ate os dias atuais devido as suas favoráveis condições físico-naturais.

Vale salientar que em uma cidade onde o engenho e a produção canavieira têm importante papel na sua fundação, é nítido que o controle político e econômico da Cidade estaria em posse da pequena elite agraria e canavieira que sobrevive ate os dias atuais, e é desta elite canavieira que ira surgir o grande ídolo local, de nome José Borges de Carvalho.

2.1 O SURGIMENTO DE UM MITO LOCAL

Na raiz das famílias Abreu Tranca e Almeida Mendonça, ambas ligadas a fundação do município de Alagoa Nova, nasceu José Borges, um descendente que passaria a ter a sua imagem marcada na História local de Alagoa Nova. José Borges aos poucos foi construindo o seu trabalho enquanto vigário desta cidade que ao longo de seu paroquiado o tornou uma das mais importantes figuras no campo religioso local. Visto como um mito para a comunidade alagoa-novense, foi de grande importância em vários setores da sociedade. Tinha ainda como suporte aquilo que é considerado uma grande arma na evangelização dos fiéis, a Bíblia, e com sua batina cheia de lama foi considerado um grande líder e importante conselheiro pessoal de figuras importantes também no campo da política local.

Na Figura 2 podemos observar a imagem do Monsenhor José Borges de Carvalho em 1920, notamos em seu semblante uma pessoa de traço forte talhada ao tradicionalismo dos senhores de engenho, que teve uma rígida formação religiosa aos moldes da Igreja Apostólica Romana de sua época, no imaginário popular alagoa-novense sua figura era enaltecida por cada palavra dita, sendo tratado como um emissário do próprio Deus e digno da mais pura confiança de sua paróquia, até os dias atuais as pessoas que conviveram com o padre afirmam que jamais haverá um homem de semelhança, idêntica e postura similar ao de Zé Borges.



Figura 2: Padre Monsenhor José Borges de Carvalho de 1920 disponibilizado por: Walber Bezerra Leal

Monsenhor José Borges de Carvalho residiu na zona rural do engenho Cipó, localizado no município de Areia, nasceu em 27 de julho de 1896 na cidade de Alagoa Nova, vindo a óbito no dia 23 de fevereiro de 1980. O pároco pertencia a uma família tradicional ligada a produção canavieira e influente na dinâmica política da região contudo, decidiu que ao invés do paletó usaria uma batina, nada que o afastasse dos laços familiares, pois também possuía parentes importantes e de renomes no cenário religioso paraibano como é o caso dos monsenhores José Sales e José Antunes de Brandão, ambos da comarca de Campina Grande. Ordenou-se padre o dia 02 de fevereiro de 1919 e foi vigário em diversas paróquias paraibanas até retornar em 1937 a cidade de Alagoa Nova, onde residiu quando menino, como vigário e onde passaria a colocar em pratica todos os seus sonhos.

Assumindo a paróquia de Alagoa Nova, começa a trabalhar para dar vida aos seus sonhos e dentre estes o mais importante foi à construção da Igreja Matriz de Santa Ana, no qual precisou da contribuição física e econômica de todos os fiéis da comarca e do poder público, para conseguir ver os frutos do que ele tanto sonhara. Santos (2017) constata em seu livro a História de Alagoa Nova-PB: A Esmeralda dos Bultrins que durante o tempo de sua construção, foram realizadas diversas missões para edificação de sua obra.

Entretanto, esse sonho gerou um pequeno atrito com Yayá Tavares⁵ uma senhora nada convencional, que residia na região do Geraldo⁶, e exercia uma enorme influência política não só na região de Alagoa Nova, mas na Paraíba em si, sendo consultada por fazendeiros ricos e políticos quando estes necessitavam do seu apoio especialmente em momentos eleitorais, já que a própria possuía um grande curral eleitoral e devido a sua inteligência buscavam o seu auxílio ideológico e até financeiro. A mesma por sua vez só não conseguiu eleger-se enquanto prefeita desta região pelo único fato de ter nascido mulher em um período machista, apesar disso à sua influência política perante o Padre Borges de nada adiantou, pois a mesma lutava pela permanência da igreja velha⁷ no centro da cidade.

Este embate entre monsenhor José Borges e Yayá Tavares ia além de uma luta apenas por uma igreja, mas simbolizava um marco representativo da força política de ambos os lados, pois antes de pensar na figura do Zé Borges enquanto religioso é necessário enxerga-lo também enquanto um fazendeiro dono de terra ou até mesmo um “coronel”.

⁵ Dona Yayá, considerada uma matriarca de Alagoa Nova, a ela prestavam obediência a comunidade e a família Tavares Cavalcanti. Era mãe de Manuel Tavares Cavalcanti. A família Tavares Cavalcante era uma das mais ricas da região.

⁶ Sítio localizado no Município de Alagoa Nova

⁷ Antiga igreja localizada no centro cidade de Alagoa nova, que foi destruída para que a nova igreja matriz fosse edificada.

Monsenhor José Borges para época dele, tinha a mesma postura dos coronéis dos engenhos por que ele mandava, tudo na cidade tinha o dedo do monsenhor, tudo ele sabia. (Ana Lúcia Alves de Aquino Entrevista realizada: 29/05/2018)

Apesar de tantos atritos entre ambos, em 1939 inicia-se a demolição da igreja velha (Figura 3) e as obras da nova igreja Matriz (Figura 4), uma igreja que na concepção do padre já não comportava mais a quantidade de fieis que a frequentavam, tornando-se assim uma igreja pequena e inadequada. Na nossa visão a mesma poderia ser vista como um prédio antigo que embelezava o centro urbano, mas na concepção do Monsenhor José Borges a mesma era vista como antiga e inapropriada aos propósitos da religiosidade local.



Figura 3: Demolição da igreja velha de Alagoa Nova em 1939, disponibilizado por: Walber Bezerra Leal



Figura 4: Construção da nova igreja de Santa Ana em 1940 disponibilizado por: Walber Bezerra Leal

A edificação desta igreja representava mais que um sonho de um simples padre, revela o símbolo de ascensão e um marco para construção da imagem de José Borges de Carvalho, marco este que começa com a destruição da antiga igreja e construção da nova Igreja Matriz, está por sua vez situa o padre hierarquicamente como a principal figura política e mandatária da cidade de Alagoa Nova, enquanto Yayá Tavares fica restrita a região do sítio Geraldo.

O pároco na medida em que avançava na realização de seu sonho pessoal, sonho este que o mesmo fora o arquiteto do projeto, tornava-se cada vez mais idolatrado e amado pelos seus fiéis, cujo empenho o ajudou a edificar e consolidar toda a construção de sua Igreja, entretanto devido a um sonho infantil ao qual o padre articulou-se sem nenhum auxílio de uma pessoa capacitada na área arquitetônica para a construção de uma igreja em escala colossal em uma pequena cidade vê sua ganancia abalada quando a torre de sua igreja desaba por falta de alicerce adequado em 1940 culminando na morte de três pedreiros.

Mal dimensionada, a torre ruiu, e com ela a vaidade conterrânea, culminando com a morte de três pedreiros: Manoel Rosa, Elesbão Rocha e José Gordinho, deixando a população da cidade num verdadeiro dia de juízo final. Isso ocorreu, segundo nos conta Romão Olegário, numa quarta feira chuvosa, às 14:30h, do dia 03 de abril de 1940 (Mendonça 2001).

No momento da queda da torre, o padre celebrava uma missa na paróquia de Matinhas, esta por sua vez era distrito e parte integrante do território de Alagoa Nova no período. Contam os mais velhos que o monsenhor estava prestes a concluir a missa quando escutou o sino de sua igreja tilintar após sua queda, no mesmo instante o pároco afirmou dentro da capela que a torre da igreja haverá caído. Neste momento as pessoas que se encontravam na celebração correram para o lado de fora da capela e viram a poeira cobrindo o céu alagoa-novense enquanto o padre encontrava-se em um estado catatônico, estagnado dentro da capela porém o mesmo só se destina a cidade quando profere a bênção final, sendo seguido de uma comitiva a cavalo.

Ao chegar à cidade depara-se com um pandemônio de pessoas acumuladas em frente a sua paróquia, tentando entender o acontecido e vendo a população alagoa-novense apavorada com o acidente catastrófico para o pequeno município, o pároco junto aos moradores locais buscou ajudar os trabalhadores que ali se encontravam carentes de cuidados médicos, depois providenciou o ataúde das vítimas para só então tratar da parte burocrática indenizando os parentes das mesmas. Este fatídico dia foi um escândalo para a região e para Paraíba durante um bom tempo sendo inclusive notícia para os jornais (Figura 5).

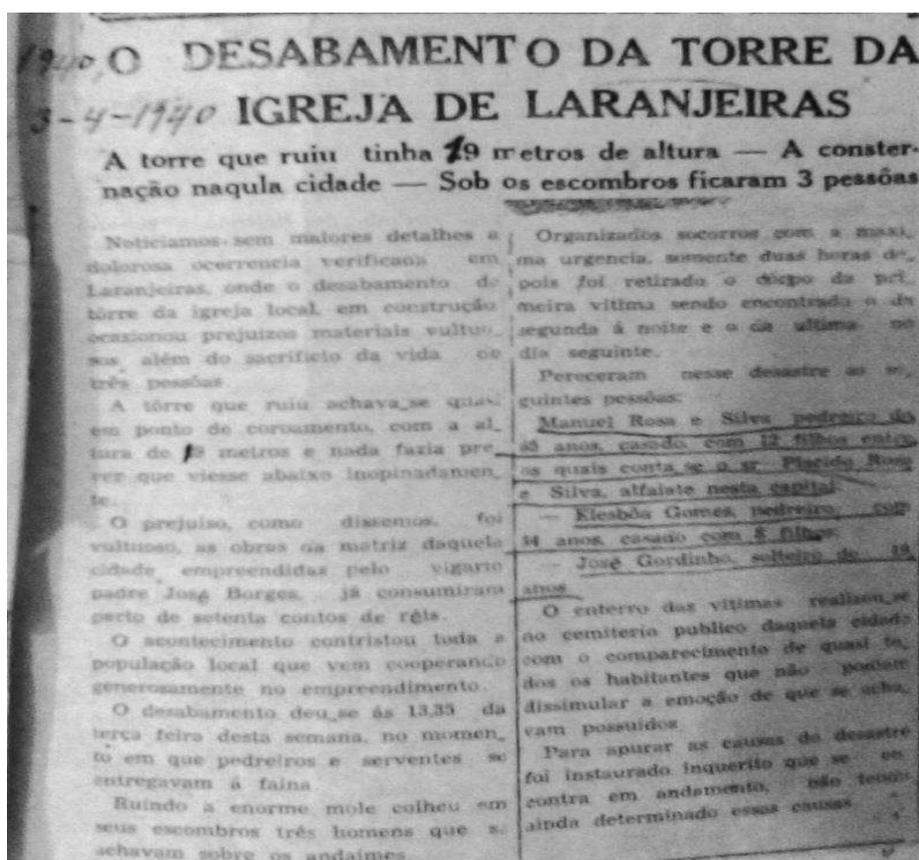


Figura 5: Notícia do desabamento no jornal ‘A Imprensa’ em 1940. Fonte: SANTOS, 2017.

A reportagem do jornal “A Imprensa” tem como tema o desabamento da torre da igreja de Laranjeiras⁸, o fato acontecido foi noticiado no Estado inteiro levando o nome do Monsenhor José Borges como o principal culpado. Este desastre quase custou ao padre um processo pelos danos causados as vitima, porém devido a sua imagem beatificada no Município e sua influencia politica e religiosa, o pároco nem chegou a responder na justiça.

Quando aconteceu o sinistro monsenhor José Borges em determinado dia comentou que o sonho de João não tinha sido um sonho mas um pressagio que ele devia ter dado ouvido, a , João isso rodou por tantos anos na historia de Alagoa Nova que depois a diocese assim se encarregou de abafar o caso a imprensa não ficou remuendo aquilo, mas foi muito forte na vida dele, foi um dos episódios mais triste, no entanto assim o apoio politico que ele recebeu dentro da própria diocese e no Estado por parte do governo foi muito grande. (Ana lúcia de Alves Aquino, entrevista realizada no dia 29/05/2018)

⁸ Laranjeiras antigo nome da cidade de Alagoa Nova entre os períodos de 1938 e foi mantido até 1943.

O mais importante nesta lembrança de Ana Lúcia não é o fato do padre Borges ter recebido tanto apoio, mas sim, destacar na sua fala a palavra “o sinistro” para narrar o fato e procurar saber quem foi esse João e qual o seu sonho (Figura 6). “O sinistro” como ela apresenta em seu relato foi um dos dias mais tristes da vida do monsenhor, este fatídico dia foi um marco de tristeza e sofrimento em sua carreira pois ela contava com tanto desgosto sobre o acontecido do dia 3 de abril de 1940, devido ao qual o pároco enfrentou uma grande depressão. Que só se agravou com o sonho de João. Seu nome era João Guimarães no tempo era um fotografo da cidade e dizem que ele tinha um sonho com a igreja caindo.

A premonição: A queda da torre

Havia um “suspense” no meio da população. A queda da torre fazia parte dos comentários de todos. Contam que João Guimarães, fotografo residente na cidade, sonhara com a queda da torre e contara a várias pessoas sua premonição. As fendas existentes gritavam existir perigo eminente e o chefe da obra temporizava. Às 13 horas do dia 03 de abril de 1940, a torre sofreu um indescritível esmagamento e ruiu.

Figura 6: A premonição: A queda da torre. Fonte: SANTOS, 2017

Em 1943 depois de trancos e barrancos, avanços e retrocessos na construção de sua nova igreja ‘Zé Borges’ finalmente concretiza seu sonho, porém não consegue construir uma torre imensa assim como desejara em seu projeto inicial e como ele encontrava-se abalado com o acidente na sua pequena cidade, o bispo Dom Moises Coelho da comarca de Campina Grande demonstra o seu apoio a figura do monsenhor celebrando a missa inaugural no dia 04/05/1943, na qual ficou conhecida como a missa da cumeeira.

Em concomitância a construção da igreja de Santa Ana o monsenhor reforma a casa paroquial (Figura 7), pensando no conforto dos padres que permaneciam em estadia no período que estivessem prestando culto na nova igreja.



Figura 7: Casa paroquial da década de 1940 disponibilizado por: Walber Bezerra Leal

A construção da nova casa paroquial seguiu um modelo avançado para época, principalmente em uma cidade pequena, os vitrais que até hoje existem, adornam e embelezam sua fachada, trazendo para a pequena cidade bucólica um ponto artístico que enfeita seu centro, a sua varanda foi ponto de encontro da alta e baixa sociedade alagoa-novense que pediam os seus conselhos.

Para construção da imagem do clérigo é necessário ter em mente pontos positivos sobre sua pessoa visto que, este ia além do ser místico e religioso do município alagoa-novense, que apenas estava preocupado com seu rebanho no quesito religioso, este também ajudou a realizar inúmeras construções para cidade em que habitou, mostrando uma forte preocupação com bem estar social no ambiente em que residia. O monsenhor passou a sua vida de paroquiano ajudando a população carente deste município, edificando com afinco um legado que permeou a história deste local.

Os legados de Borges permearam e modificaram de forma abrupta a construção e a noção do que é necessário para enaltecer uma cidade que nasceu de forma desorganizada em meio a uma cultura canavieira, os projetos do sacerdote se destacava por um fato simples, o de servir e atender os desejos das pessoas que residiam neste local não se importando com sua classe social ou sua religião pensando em apenas sanar os problemas encontrados na cidade adorada.

Um dos principais problemas enfrentado pelo Padre Borges foi o de não haver um local apropriado para tratamentos médicos aos cidadãos, e deste problema o mesmo tomou para si uma luta humanitária para construção de um ambulatório, viabilizando principalmente assistência médica nesta região para as mulheres gestantes, tal obra foi construída embaixo de

sua igreja e por causa de sua influencia politica e religiosa conseguia trazer médicos oriundos da região Campina Grande para seu pequeno posto médico, e nesta empreitada a figura de mais importância para monsenhor José Borges foi uma enfermeira chamada de Sofia de Castro residente desta cidade.

[...] Graças à iniciativa do Padre Borges na construção do ambulatório, que teve a ideia de instalá-lo, nos primeiros anos da década de 60, no andar térreo da sacristia da igreja, juntamente com a ajuda da falecida Sofia de Castro, de saudosa memória, que em vida, durante anos foi batalhadora em prol das atividades da área de saúde de Alagoa Nova. O padre Borges, junto com essa cruzada filantrópica, pedia ao comercio local auxílios de alimentos para suprir as necessidades básicas de mães pobres gestantes que vinham de sítios distantes para descansar. Uns levavam galinha, outros arroz, feijão e farinha. A loja de Oscar Veloso não ajudava com comida, mas com um pedaço de chita para cobrir as criancinhas nos cueiros, recém-nascidas (MENDONÇA 2001)

Sofia de Castro pode ser considerada um verdadeiro general durante este momento na área da saúde, com seu auxilio e com uma ideia já adotada pelo padre Ibiapina⁹ de assistencialismo social a população carente, consegue oficialmente a construção da Casa de Saúde e Maternidade de Santa Ana (Figura 8) que atendiam não só a população alagoa-novense, mas as pessoas das regiões circunvizinhas, esta construção teve ainda o apoio do governo Estadual.



Figura 8: Antiga Casa de Saúde e Maternidade Santa Ana disponibilizado por: Walber Bezerra Leal

É perceptível que a todo o momento o monsenhor contou com a ajuda dos seus fiéis, na realização de seus objetivos, os mesmos viam no padre a figura de um verdadeiro herói local na tão aclamada terra dos Bultrins, que de tão aclamada pelo padre fez valer a luta na sua cruzada

⁹ Padre que nasceu em 1806 na cidade de Sobral e ficou conhecido por suas missões de caridades na região nordestina.

não só nas questões de saúde mas, também na educação tendo em vista que neste período o município pertencia política e economicamente aos senhores de engenhos a ideia educacional do padre para os filhos da “peãozada” era desnecessário, pois na visão deste senhores donatários a educação seria para os ricos, enquanto os pobres ficavam renegados ao trabalho dentro dos canaviais, contudo o pároco não desistiu de buscar alfabetizar a criançada contando com o apoio de pessoas alfabetizadas para repassar o que soubessem aos filhos dos pobres.

Nesta luta por uma Alagoa Nova alfabetizada, contaria ainda com o apoio de duas figuras emblemática o professor Clodoaldo Muniz e Ladislau Nogueira, que decidiram seguir esta carreira graças ao incentivo do pároco, sendo responsáveis pela a educação de adolescentes até a formação de um grupo de escotismo, na figura 9 podemos observar o monsenhor no meio do grupo enquanto as crianças ficavam em posição de guarda. O grupo de escotismo foi uma iniciativa tomada pelo padre e de seus dois aliados, para pôr fim a um legado de analfabetismo nesta região.



Figura 9: Padre Zé Borges e o grupo de escotismo década de 50 disponibilizado por: Walber Bezerra Leal

À medida que a cidade crescia fazia-se necessário a construção de uma escola para atender a demanda de crianças existente nesta região, aqui o padre também fez uso de seu nome e de sua influencia para pleitear ajuda de deputados e do governo estadual na construção de uma escola Estadual para Alagoa Nova, contando ainda com a ajuda do senhor Clodoaldo Muniz, enquanto a escola estadual não chegou, a prefeitura juntamente ao monsenhor conseguiram um prédio no qual serviria como uma instituição educacional gratuita e o batizou de Escola Municipal Clodoaldo Muniz.

Clodoaldo Muniz (Figura 10) era influenciado pelos ideais de Padre Borges, seguindo a mesma linha tradicional de pensamento e de costumes, considerado uma pessoa de caráter forte e de extrema sapiência, com seu auxílio o padre conseguiu galgar duas escolas estaduais, uma em Lagoa de Roça distrito de Alagoa Nova no período e outra escola na zona urbana de seu município, entretanto Borges não consegue ver o seu sonho realizado, vindo a óbito antes da conclusão das escolas. Sendo homenageado em um tributo solene no qual as duas escolas se chamam, Escola Estadual do Ensino Fundamental e Médio Monsenhor José Borges de Carvalho, outro marco temporal que faz referencia a sua memoria.



Figura 10: Seminarista Clodoaldo dos Santos Muniz nos anos 50 disponibilizado por: Walber Bezerra
Leal

Velha “raposa sábia” ardiloso em suas palavras enquanto padre, e mais ainda nos conselhos que dava as autoridades locais (prefeito, vereadores, juízes...), os mesmos antes de qualquer atitude, pediam os conselhos do padre, ajudando assim a cidade de forma direta e indireta, retratando que sua influencia não só abrangia o território alagoa-novense, mas também nas cidades vizinhas da região do brejo paraibano, deixando encrostado sua historia através dos patrimônios erguidos através de seu esforço e sapiência politica e religiosa.

CAPITULO II

DO TEMOR A IDOLATRIA: O SANTO DE BATINA

3 AQUELE QUE CONDUZ A CRUZ DEVE TER UM ALTO FERVOR RELIGIOSO

Todos os hereges vão para o fogo do inferno (Padre Monsenhor José Borges)

Por ser um padre de origem tradicional apresentava um fervor religioso exacerbado, no qual não sentia incomodo algum em falar dos ‘malefícios’ realizados pelos seus fies, defensor da causa cristã não perdia tempo na busca de resguardar os bons costumes da família tradicional brasileira, travaria uma luta direta como o próprio satanás se preciso fosse na esperança da salvação eterna para todos de sua paróquia.

Os resquícios das memórias deixadas por Borges são meros fragmentos encontrados nos cidadãos que conviveram com esse personagem histórico, que relembram com saudosismo de seus gestos, jeito, gostos e ate mesmo os seus sorrisos de fim de tarde enquanto estava à frente de sua varanda, o mesmo foi, portanto um verdadeiro líder para o município de Alagoa Nova que amargou o desespero de sua morte em meados de 80.

Na Figura 11 podemos visualizar o padre Borges dentro da igreja pregando para seus fiéis, este por sua vez nunca fez o uso do microfone na hora da missa preferindo usar apenas sua voz nos momentos de sermão, até mesmo dentro da nova paróquia que tinha um tamanho gigantesco para a pequena cidade. Entretanto durante suas missas, o pároco exigia total silencio, pois a esta era tida como um momento sagrado para ele, sendo por isso adorado e exaltado pelo povo da sua geração até os dias atuais.

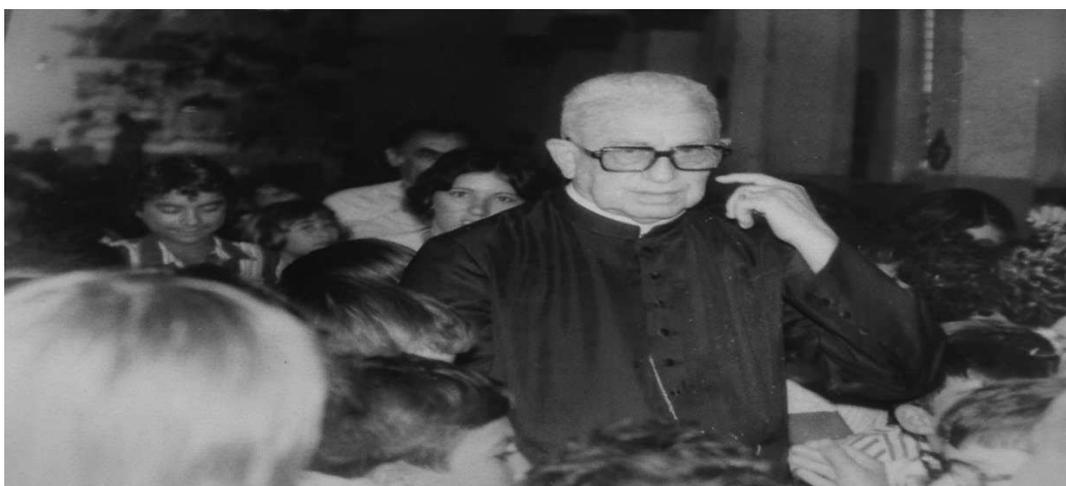


Figura 11: Monsenhor José Borges de Carvalho na década de 70 disponibilizado por: Walber Bezerra Leal

Eu sei que ele era um padre muito bom, na missa dele todo mundo gostava, já cheguei a me confessar com o padre Borges, eu me confessei com ele, ele não gostava que ninguém chegasse na igreja pra ficar conversando na hora da missa dele, que era uma missa sagrada. (Maria do Socorro de Souza entrevista realizada 10/11/2017)

Como mostra no relato da dona Socorro o padre fazia de sua missa um momento de sacralização não permitindo que ninguém o atrapalhasse neste momento, tal conservadorismo religioso também era passado pra sua pessoa no modo em que se vestia, não abria mão de sua batina.

Borges não media palavras em relatar as transgressões adotadas por algumas pessoas de sua congregação não tendo medo algum em citar nomes e sobrenomes, além de chamar a atenção destes cidadãos em conversas reservadas atribuindo-lhes penitencias para pagar os seus pecados, este jeito rigoroso em suas atitudes despertava na população um sentimento de temor pôr a sua pessoa. Porém essas mesmas pessoas que sentiam medo da figura do monsenhor José Borges o enalteciam com tamanha maestria que na hora de suas missas aclamavam-no como um verdadeiro homem de bom caráter e de boa índole moral, o que o torna um ícone lembrado até os dias atuais pelos bons costumes de usar a batina sacerdotal sempre, devendo dessa forma ser exemplo para os padres da atualidade se espelharem.

Outro fator que marca a sua figura enquanto religioso é o horror que o próprio sentia pela a imagem do padre Cicero Romão, detestava a idolatria feita pelo povo nordestino a sua imagem, tratando-o como um santo beatificado e digno da graça de Deus. Para o Clérigo padre Cicero era um verdadeiro pária da sua fé, apenas um homem qualquer e indigno, considerava-o um político corrupto e apoiador do cangaço, não demonstrando nenhum “pingo” de afeto a sua imagem, tentava ainda minimizar a visão santificada do pároco nesta região. Essa rixa de Borges fez também com que o próprio se negasse a batizar crianças com o nome de Cicero, mandando os pais trocarem seus nomes na hora do batizado, caso os pais se negassem a trocar o nome dava continuidade ao batismo, mas à medida que essa celebração religiosa prosseguisse, o pároco se lamuriava e praguejava pelo nome escolhido para a criança.

Em pesquisa realizada nos livros de batismo alagoa-novense (Figura 12 & 13) na paróquia de Santa Ana e em alguns relatos orais, pode-se constatar que mesmo Borges não gostando da idolatria feita à imagem de Cícero pela a comunidade local não negava o Batismo as crianças que tinham os nomes em homenagem a esta figura emblemática da região nordestina.

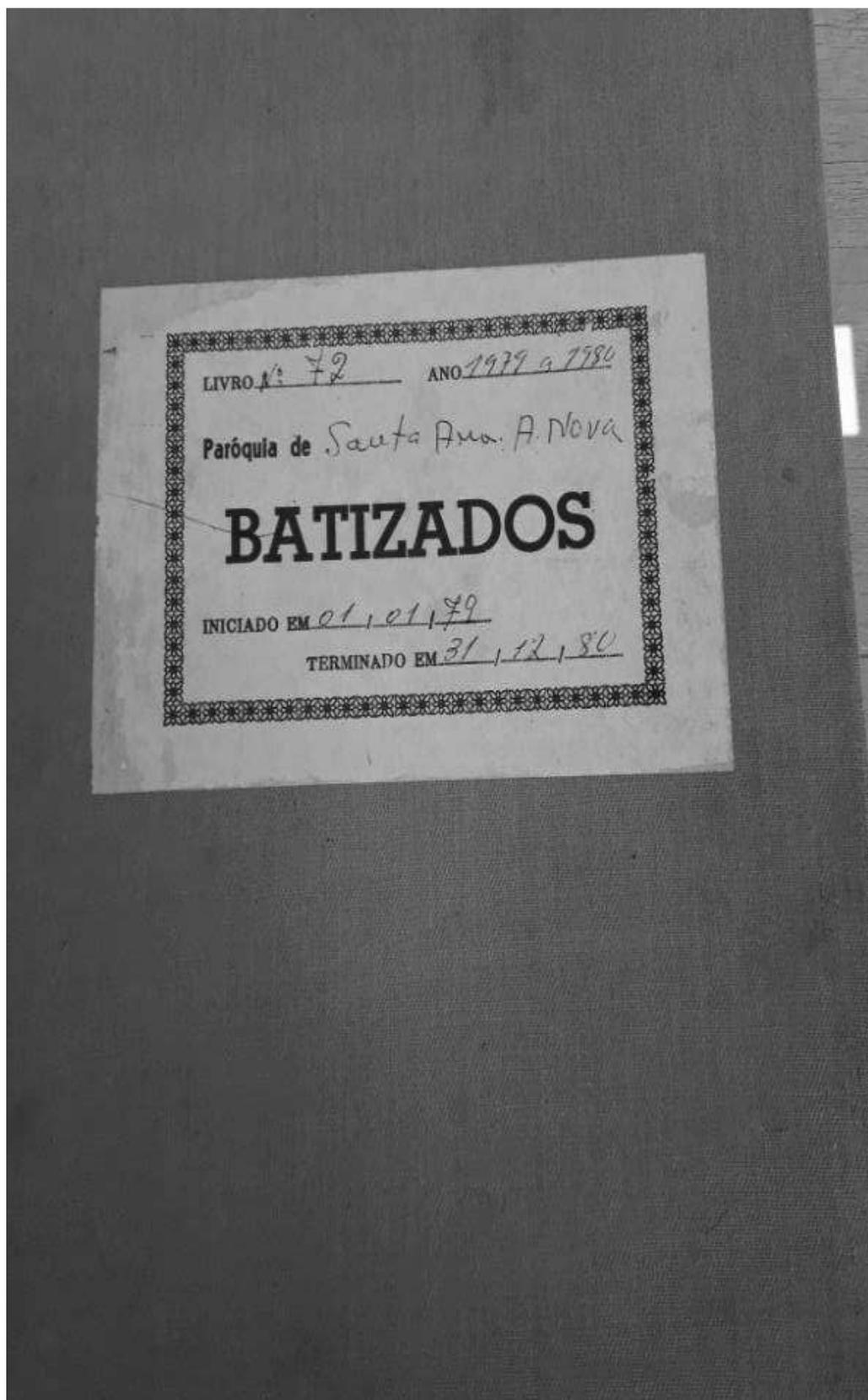


Figura 12: Livro de batismo de 1979. Fonte: GONÇALVES JUNIOR, J. 2018

1979

FF. 10

73 /
Vicosa

Aos vinte e nove dias do mês de Janeiro de mil novecentos e setenta e nove na Maternidade

o Padre monsenhor José Borges de Carvalho batizou solenemente a

Vicosa nascida no dia dezesseis de Novembro de mil novecentos e setenta e sete

filho legítimo de Severino do Nascimento de Lima e de Maria das Neves de Lima

casados na Paróquia de Alagoinha Nova

Foram padrinhos: João Pereira de Lima
Bomfim Bomfim Pereira

Para constar mandei lavar este termo que assino.

O Pároco: *[Assinatura]* Fidei

74 /
Valdemir

Aos vinte e oito dias do mês de Janeiro de mil novecentos e setenta e nove na Maternidade

o Padre monsenhor José Borges de Carvalho batizou solenemente a

Valdemir nascido no dia vinte e três de Maio de mil novecentos e setenta e oito

filho legítimo de Belkâmio Pereira dos Santos e de Marlene da Silva Santos

casados na Paróquia de Alagoinha Nova

Foram padrinhos: Maurício Pereira de Lima e Maria do Carmo de Lima

Para constar mandei lavar este termo que assino.

O Pároco: *[Assinatura]* Fidei

75 /
Rômulo

Aos vinte e oito dias do mês de Janeiro de mil novecentos e setenta e nove na Maternidade

o Padre monsenhor José Borges de Carvalho batizou solenemente a

Rômulo nascido no dia dez de Maio de mil novecentos e setenta e oito

filho legítimo de Rômulo Custódio Pereira e de Lourdes Francilino de Souza

casados na Paróquia de Alagoinha Nova

Foram padrinhos: Luiz Paulino Vieira
Montemelo de Souza Ferreira

Para constar mandei lavar este termo que assino.

O Pároco: *[Assinatura]* Fidei

Figura 13: Livro de batismo de 1979. Fonte: GONÇALVES JUNIOR, J. 2018

Entretanto a idolatria de seu rebanho a Padre Cicero Romão não viria a ser o único incomodo religioso de José Borges, pois em sua amada cidade teria uma rival de seu nível intelectual, um espirita que debatia em igualdade nas questões religiosas .Com seu jeito peculiar mais do que tradicional e defensor dos valores católicos encontrou na figura de Arildo Colaço¹⁰, ex-prefeito, do município um verdadeiro rival nas questões teológicas e políticas, já que o mesmo era adepto dos ideais de Allan Kardec, fundando ainda no município o centro Espírita de nome Bittencourt Sampaio. Quase toda vez que se esbarravam em lugares públicos trocavam ideias sobre os assuntos espirituais que nem sempre acabavam em conversas amistosas.

Um de seus maiores combates era contra a afirmativa de que fora da Igreja Católica não haveria salvação, ou seja, o mesmo procurava com isso os erros clericais há muito praticados por pessoas que compunham as camadas altas do clero da igreja. Arlindo Colaço considerava humilhante algumas práticas da igreja como, ter de se ajoelhar aos pés do padre para confessar seus pecados e, após ter se ‘confessado’ este alguém teria de cumprir penitencias como uma forma de justificação e perdão por tal pratica (SANTOS. P 27, 2017)

Arlindo Colaço demonstrava ser uma pessoa de conceitos fortes e ideias próprias na pequena cidade de Alagoa Nova para seu período, não deixando influenciar-se pela a oratória e valores religiosos do Monsenhor José Borges de Carvalho, sendo por isso um verdadeiro rival no intelecto teológico, entretendo este embate custara a Arlindo Colaço sua extração de forma abrupta da historia local após sua morte. Borges enfrentou disputas tanto no âmbito político quanto no religioso de forma direta ou indireta, sua influencia o ajudou sempre a sair vitorioso nas batalhas enfrentadas no amargor de sua vida.

3.2 ENFIM O DESCANSO: A MORTE DE MONSENHOR JOSE BORGES DE CARVALHO

A morte é um dos ritos mais sagrados para os cristãos, sendo uma cerimonia de transição do efêmero para o eterno, é o descanso dos que travaram uma luta diariamente com as tentações existentes na terra. E por mais de 43 anos ele lutou ardentemente pensando em prol de sua paróquia fez tudo que podia para ajudar, até que Deus o tomou para si.

¹⁰ Ex-prefeito do município no período de 1942 até 4 de março de 1945, dono de engenho no sitio Bonito e escritor.

As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna, e elas jamais perecerão; ninguém as poderá arrancar da minha mão. João 10:27-28

Seguindo as palavras do que sempre acreditou com afinco, carregando em seu peito o crucifixo do Divino vai de encontro ao seu tão adorado Deus, mas mesmo perto de ser apanhado pela morte não abandonou seus deveres clericais, onde muitas vezes mesmo cansado com seus cabelos brancos não abria mão na hora da missa de pregar sem o uso do microfone com o vozeirão que sempre esbanjou.

Seu descanso veio de forma rápida e pegou de surpresa todos que esperavam o retorno do clérigo ao lar, na expectativa de vê-lo evangelizar novamente na Igreja de Santa Ana, trazendo ao povo cheio de esperança uma enorme tristeza, que perdiam-se nos devaneios nostálgicos de escutar aos domingos os sermões ríspidos do “velho de batina”.

A morte chegou para o “velho” no dia 23 de fevereiro de 1980 no hospital Santa Clara na comarca de Campina Grande, no dia de seu cortejo fúnebre fez a cidade parar e o cemitério da cidade lotou, com a população em prantos, vendo o mito indo em direção a sua eterna morada, enquanto caía uma enorme chuva no município.

Quando ele morreu deu uma chuva tão grande no cemitério, estava estiado, quando abriu o túmulo que botou o caixão dentro da catacumba, mas de repente choveu tanto nesse mundo que ficou cheio de água no cemitério, todo mundo correndo pra aqui, pra acolá aquele povo que vivia fora caçando uma brechinha pra entrar lá, ali eu digo, Meu Deus como é uma coisa daquela no dia que ele morreu, foi o dia que mais choveu dentro de Alagoa Nova, era o bolo d’água no meio da rua. (Maria do Socorro de Souza entrevista realizada 10/11/2017)

A descrição de dona Socorro sobre o enterro do pároco é uma forma de venerar essa personalidade enigmática, visto que, em seu relato a mesma afirma que quando foram enterrá-lo começou uma chuva tão forte que nunca se virá nesta região, esta chuva pode representar no imaginário popular uma forma de graça dada pelo próprio Deus ao homem, pois este era tido como uma figura santificada, visto que ainda em seu discurso continuou a enaltecer a figura do padre a medida em que a mesma afirma a presença no funeral de pessoas que residiam em outros municípios, apontando que o clérigo já era tratado com grande estima por seguidores de outras regiões.

Os restos mortais do Monsenhor José Borges de Carvalho, não mais encontra-se no cemitério, mas sim dentro da Igreja que o próprio ajudou a construir, tal atitude fora tomada como uma forma de homenageá-lo. O memorial (Figura 15) expressa a capacidade que este

homem teve em quase fundar um culto a sua imagem, sendo considerado um ídolo para população em seu tempo, afixando sua figura carismática na história destes municípios e de outros locais, permanecendo na lembrança de pessoas que guardam com saudosismo o carinho que sentiam pela sua efigie.



Figura 14: Memorial em Homenagem ao Pároco Monsenhor José Borges de Carvalho. Fonte: GONÇALVES JUNIOR, J. 2018

Sua memória perduraria pelo tempo sendo lembrado como o maior ícone da Cidade. Talvez o Monsenhor preferisse assim, já que o mesmo não apoiava a idolatria feita pelos homens a padres. O Mito do padre Borges não concretizou fortes raízes em sua terra, a cada avanço temporal sua lembrança é extinta da história do município, a memória de quem conviveu com ele não está sendo repassada para a novas gerações para dar continuidade ao seu culto. Um homem de tanta relevância política, religiosa e social que lutou pelo bem estar de sua região perdeu o brilho após sua morte.

No entanto o monumento apresentado na Figura 16 foi obra do ex-prefeito Alípio Bezerra, como uma forma de resguardar a lembrança do pároco, contudo a reminiscência de memória existente deste personagem já não condiz com sua importância e feitos. O 'líder' foi deposto de seu trono, e se não fosse pela a história local e relatos coletivos a sua memória encontraria o fim.



Figura 15: Monumento construído em homenagem ao Monsenhor José Borges de Carvalho pelo ex-prefeito Alípio Bezerra de Melo no ano de 1982. Fonte: GONÇALVES JUNIOR, J. 2018

Os lugares de memória edificadas por terceiros em sua homenagem ou construídos por este, já não representam nada, secos e vazios de lembranças não são mais capazes de fazer reviver seu prestígio passado, a reminiscência memorialística deste personagem margeia o esquecimento, a modernidade é cruel acaba diariamente com heróis que habitam apenas nas lembranças individuais de cada homem.

Se habitássemos ainda nossa memória não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que Haja rastro, distancia, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história (NORA. p 5-6,1993).

De acordo com o autor a consagração de lugares para certos indivíduos não se aplica em fazer lembrar ou reviver sua Memória, monumentos, edifícios por si só não descrevem um personagem, não contam sua vida, a Memória é um meio para o fim, e o fim se concretiza com a História, está por sua vez salva os grandes ícones do esquecimento, o próprio Monsenhor José Borges é silenciado, devido a um desinteresse da própria comunidade alagoa-novense em preservar a história dos seus ícones locais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que apesar do Monsenhor José Borges de Carvalho ser um líder religioso, ele mantinha uma postura de um coronel no município de Alagoa Nova -PB durante o período de 1937- 1980, como pároco atuou até sua morte na paróquia que ajudou a construir. Pertencente a uma família tradicional da região do brejo paraibano o clérigo soube usar da influência política que esta exercia, para conseguir alcançar seus desejos cobiçados.

No entanto com sua influência política proporcionou melhorias ao município, não só pensando em si mas também nos cidadãos alagoa-novenses, sendo assim tratado por estes com tamanho respeito. Trabalhou na construção do Hospital e Maternidade Santa Ana, beneficiando a saúde da população, travou uma batalha contra o analfabetismo nesta região e conseguiu edificar a nova igreja Matriz. Para pensar no pároco temos que enxerga-lo enquanto um homem além de sua época, sendo devido a isso lembrado até os dias atuais por suas fervorosas e rígidas tradições cristãs.

Este trabalho tem como principal intuito servir como uma fonte introdutória para novos estudos sobre o pároco Monsenhor José Borges de Carvalho, não só vendo o próprio como uma figura religiosa, mas, podendo focar em um Borges político, ligado às questões sociais de Alagoa Nova entre os períodos de 1937 a 1980, imbuído de misticismo para os habitantes que conviveram com sua pessoa e por fim demonstrar que mesmo uma pessoa de tamanha importância para cidade no presente tem sua memória esfacelada na comunidade. Servindo este trabalho *a priori* como uma forma de rescrever a historiografia local que encontra -se aos frangalhos, na qual a cada progresso temporal ver-se os seus grandes ícones declinarem ao soturno desenrolar do esquecimento.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAIN, B. **A questão do local**. Rio de Janeiro. DP&A,2001.

ALBERTI, V. **Manual da História Oral**. Rio de Janeiro, editora FGV, 2005.

BLOCH, M. L.B. **Apologia do historiador ou o ofício de Historiador**/ Marc Bloch; prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Mortiz Schwarcz; tradução, André Telles. Rio de Janeiro: Zahar,2001.

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Compreendendo o território através de suas articulações**. Disponível em:<<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/10542-compreendendo-o-territorio-atraves-de-suas-articulacoes.html>> Acesso em: Fevereiro de 2018

BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades**. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pb/alagoa-nova/panorama>> Acesso em: Fevereiro de 2018

CORREIA, I.M.G.; SOUZA, B.H. **Agricultura Orgânica e Qualidade de Vida: Um Estudo de Caso da Hortaliças Sempre Verde**. II Congresso Internacional de Diversidade no Semiárido. II CONIDIS. 2017 Disponível em:<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conidis/trabalhos/TRABALHO_EV074_MD1_SA3_ID711_02102017221540.pdf> Acesso em: Fevereiro de 2018

EMBRAPA. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. 3ed. – Rio de Janeiro: EMBRAPA, 2013.

HALBWACHS. M. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Centauro 2006

GINZBURG, C. **O Fio e os Rastros: verdadeiro, falso fictício**. São Paulo; companhia das letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUCRJ, 2006.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. GASPARELLO, Arlete Medeiros, MAGALHÃES, Marcelo de Souza. Org. **Ensino de História**: Sujeitos, Saberes e Práticas – Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERG. 2007

MENDONÇA, P.F.A. Monsenhor José Borges. Escrito ao Jornal o Norte, de João Pessoa em 20 de outubro de 2001.

NORA, Pierra. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 3. Ed. Belo Horizonte; Autentica 2012.

SALES, J.B. **Alagoa Nova**: Notícias Para sua História. Fortaleza, Grafica Editora R. Esteves Ti Progresso LTda. 1990

SANTOS, D.C.; ARAUJO, S.M.S. **Impactos socioambientais da ocupação do solo em áreas de risco no município de Alagoa Nova – PB**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Curso de Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande. Orientador: Sergio Murilo Santos de Araújo. Disponível em:<
<http://www.fasete.edu.br/revistarios/media/artigos/c5bad6bfee9809469e32f5f021b9.pdf>>
Acesso em: Fevereiro de 2018

SANTOS, L. C. **História de Alagoa Nova PB**: A esmeralda dos Bultrins. Campina Grande: Erick Brito, 2017.

SANTOS JUNIOR, V. R. **Nascer, Crescer Morrer essa é a lei**: Arlindo Colaço entre a memória e o esquecimento. (1907 – 1957). Trabalho de conclusão do curso. Graduação em História. Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação. 2017. 46 p.

SOUZA, A. C. B. de (Org.). **História dos Municípios Paraibanos**. V 1. Campina Grande; EDUFPG, 2012.